



Rede  
de Cooperação  
Alternativa Brasil

## Relatório de viagem de intercâmbio

### Matis visitam área Yanomami

Parceiro responsável: CTI

Período: 16 de fevereiro a 14 de março 2003

Este intercâmbio faz parte das atividades da rede das organizações financiadas pela Norwegian Rainforest Foundation

Para o ano de 2003 o Centro de Trabalho Indigenista - CTI decidiu que seria importante a participação dos Matis neste programa de formação. Assim ficou acertado que 3 Matis iriam conhecer e trocar experiências com um grupo Yanomami assessorado na questão educacional pela CCPY.

Os Matis que participaram do intercâmbio foram os seguintes:

- Makê Bush Matis
- Tumi Tucun Matis
- Txiamã Matis

A escolha dos participantes do intercâmbio teve como primeiro critério a ida do professor (Makê Bush Matis), depois um dos alunos mais dedicado entre os jovens adultos que participam das aulas da noite (Tumi Tucun Matis) e a terceira pessoa seria indicada pela comunidade, mas deveria ser um dos mais velhos e conhecedor dos cantos e histórias da cultura Matis. A intenção de escolher participantes de diferentes idades foi a de permitir a participação de todos os segmentos da comunidade e não somente os professores que são rapazes. A ida de um jovem adulto (Tumi Tucun Matis) e um mais velho (Txiamã Matis) teve a intenção de levar pessoas que estarão compartilhando as suas experiências vividas durante o intercâmbio para os adultos e mais velhos da comunidade e não ficar somente restrita aos jovens dando elementos para intensificar um conflito de gerações. Para todos os 3 essa foi a primeira vez que saíram da região compreendida pelas pequenas cidades que ficam no entorno da Terra Indígena Vale do Javari.

O grupo de Matis foi acompanhado pelo professor/educador, Hilton S. Nascimento e pela coordenadora do Programa de Educação do CTI Maria Elisa Ladeira.

## **ROTEIRO**

### **16 de fevereiro de 2003**

- Chegada do grupo de Matis participante do intercâmbio na cidade de Tabatinga, sendo recebidos pelo educador do CTI.
- Transferência deles para o hotel El Divino Niño.

### **17 de fevereiro de 2003 - Tabatinga/Leticia**

Nesse dia nenhuma atividade especial foi desenvolvida com o grupo. O dia foi reservado para o descanso depois de uma longa viagem de barco e para a produção do restante da viagem. (autorizações e datas das visitas as fábricas da Gradiente e Honda e ao aterro sanitário, quando da passagem por Manaus).

### **18 de fevereiro de 2003 - Tabatinga/Leticia**

- **Apresentação de um vídeo sobre os Yanomami.**

O vídeo faz parte da videoteca do Programa de Educação do CTI no Vale do Javari e assistimos no escritório da FUNAI-Frente de Proteção Etno Ambiental Vale do Javari.

Tomar contato com aspectos da cultura Yanomami, grupo para o qual estaríamos indo para o intercâmbio em poucos dias.

- **Visita ao lixão de Leticia.**

Foi chamada a atenção para o local onde depositam todos os resíduos produzidos pela população de Leticia, inclusive por nós quando de passagem pela cidade. Também foi falado sobre a degradação do local e dos arredores desses lixões, com contaminação da água, mau cheiro, poluição visual, grande proliferação de moscas e risco de doença para os moradores das proximidades. Também foi chamada a atenção para a quantidade de lixo produzida pelos moradores das cidades e do problema que isso se torna para todos os municípios.

Essa visita foi um preparo para a visita ao aterro sanitário de Manaus para perceberem que quanto maior a cidade maior o seu problema com o lixo.

- **Visita a zoológico de Leticia.**

Puderam observar vários animais da região como anta, onça, gavião, cutia, queixada, quati, macaco preto, paca, mutum, jacaré, macaco cairara, sucuri, cujubim, coruja, tracajá além do peixe-boi até então desconhecido deles apesar de haver possibilidade de ocorrência na área do Vale do Javari. Tiveram inclusive a oportunidade de tocar várias vezes na cauda do peixe-boi. Um deles, Tumi Tucun Matis já havia participado de uma outra visita monitorada a esse zoológico. Também foi discutida a finalidade do zoológico como uma forma das crianças urbanas conhecerem a fauna da sua região.

- **Visita ao bar e restaurante Tierras Amazônicas, na cidade de Leticia.**

Observaram uma arquitetura muito parecida com a arquitetura de uma maloca tradicional, com o uso de troncos inteiros como alicerces, cobertura de palha e de madeira, pouca luminosidade e inúmeros artesanatos indígenas e de não índios decorando todos os cantos do lugar e refletindo toda a diversidade dessa área da Amazônia.

#### **19 fevereiro de 2003 - Manaus**

- Embarque as 2:40 da manhã no avião da Varig para a cidade de Manaus.

Tumi Tucun e Tiaman sentiram medo durante a decolagem.

- Chegada na cidade de Manaus.

Desde que chegamos no aeroporto de Manaus foi falado sobre os fusos horários. Manaus é uma hora mais tarde que Tabatinga, porque aqui o sol aparece antes. Viram o relógio deles e o do aeroporto e viram a diferença. Ao longo do dia, o professor Makê perguntou várias vezes que horas eram lá na sua aldeia e em São Paulo. Após algumas perguntas já sabia dizer o horário que era na sua aldeia e se ainda era dia ou não.

- Nos deslocamos para o Hotel Aruanã no centro de Manaus.
- **Visita ao terraço do hotel.**

Puderam começar a tomar contato com a urbanização da cidade e perceber a diferença entre uma cidade grande e as pequenas cidades que conheciam até agora. Acharam tudo muito diferente do que já tinham visto.

- **Curto passeio pelas proximidades do hotel, incluindo o mercado municipal e a beira do Rio Negro.**

Começaram a sentir como era a cidade. Chamei a atenção para o fato das ruas estarem vazias devido ao horário, mas em pouco tempo todos os nauas (não índios) começariam a se deslocar para os seus trabalhos e as crianças para a escola. No mercado Municipal puderam ver um grande mercado com muitas variedades de produtos da região, carnes e peixes. Puderam ver também a grande quantidade de artesanato indígena, café em grãos, camarões, temperos, farinhas, feijões e frutas comercializadas na região. Na beira do rio Negro puderam ver o rio, sua grande extensão, os barcos que transportam pessoas e cargas para inúmeras cidades do Amazonas e toda a movimentação de pessoas chegando ou indo para o interior do estado, e de cargas sendo carregadas ou descarregadas nesses barcos.

- **Visita ao prédio da Biblioteca Pública de Manaus.**

Durante o caminho até a biblioteca foi mostrada a diferença entre a arquitetura antiga e moderna, foi chamada a atenção deles para a altura do teto das casas, das portas e janelas, da abundância de detalhes e enfeites nas casas antigas. Todas construídas na época áurea do ciclo da borracha.

No prédio da biblioteca, construção histórica da época da borracha, puderam observar as mesmas coisas, teto, janelas e portas altos, riqueza de adornos nas paredes, escadas de ferro.

- **Visita ao Teatro Amazonas.**

Ficaram impressionados com a beleza do Teatro Amazonas. Construção que refletia toda a riqueza da época da borracha. Viram como é ricamente adornado, com riqueza de detalhes e com todos os materiais importados de terras distantes. Local onde os nauas se reuniam e se reúnem para apresentações de músicas, e danças de sua cultura. Nesse momento trabalhei com eles a beleza da diversidade e da tradição. O Teatro é sim muito bonito, assim como a maloca dos Yanomami e a maloca Matis. São estilos diferentes.

Ao redor do Teatro vimos mais casas antigas como o prédio do Palácio da Polícia Militar, muitos deles construído com material importado.

Aprenderam a perceber a diferença entre as construções antigas e modernas e entenderam que antigamente houve uma época de grandes riquezas devido a extração de seringa.

Da sacada do Teatro Amazonas foi chamada a atenção para a enorme quantidade de nauas, de carros, a rapidez com que os carros andam, a largura das ruas (caminho dos carros), os prédios (casas altas com muitas casas dentro).

- **Visita ao Museu de Ciências Naturais da Amazônia.**

Conceito do que é um museu, para que e para quem serve. Um lugar para ver as coisas de outros lugares, do próprio lugar ou coisas antigas. As crianças nua das cidades grandes não tem como andar na mata, assim o Museu de Ciências Naturais tem coleções de peixes, insetos (mariposa, besouro e borboletas) e aracnídeos para que as pessoas possam ver os bichos da mata da sua própria terra. Freqüentado muito por escolas para fazerem pesquisas e trabalhos escolares e por turistas que querem ver os bichos da Amazônia. Tudo isso ao contrário deles índios que de uma forma geral aprendem sobre aqueles bichos quando crianças, brincando na mata e sendo ensinado pelos seus pais e parentes. Na mata eles podem mexer, ver como andam, onde está e todo o contexto ecológico do animal. Ali não, os nua só podem observar sem tocar.

Vimos o aquário com 5 pirarucus de aproximadamente 2 m de comprimento cada. Puderam observar eles nadando, mexendo, respirando na superfície. Puderam observar seu comportamento dentro da água, um ângulo que nunca tinham visto antes. Na aldeia observam somente quando o seu dorso aparece na superfície para respirar. Também puderam ver aquários menores com outros peixes amazônicos.

No final da visita ganhamos uma revista em japonês, da época da copa da Coréia - Japão para levarmos para a escola onde os outros alunos poderão ver outras formas de escrita.

Na saída paramos em um igarapé que se localiza próximo ao museu. Na área do igarapé puderam ver uma pequena área de mata com buritis e observaram o que era um corpo d'água poluído com água escura, suja, mau cheiro e lixo. Foram feitas perguntas como: onde os moradores da região podem pegar água para beber, onde podem pescar? Essas são as conseqüências das cidades grandes onde tem muito nua sujando a água com dejetos sanitários, água de lavar louças, resíduos das fábricas etc.

- **Visita ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA.**

Conforme foi explicado que o INPA era um lugar de trabalho de pesquisadores, ficaram muito curiosos com o que é ser um pesquisador. Isso foi sendo explicando ao longo da visita. São pessoas que estudam para saberem mais sobre plantas, animais, peixes, água, outros são especializados em dar nome as plantas e bichos, em

estudar como as plantas se reproduzem, relação das pessoas com a terra, bichos, plantas, etc

O fato do INPA se localizar dentro de uma área de mata chamou muito a atenção deles.

Durante a visita pelo INPA fomos acompanhados pela pesquisadora Patrícia Andrade da extensão universitária e fizemos uma visita às piscinas onde são criados os filhotes de peixe-boi órfãos (5 ao todo), e os 2 aquários onde tem peixe-boi adulto. Viram a alimentação dada para eles, legumes (pepino e maxixe), capim e leite para os filhotes. Puderam inclusive dar um pouco da mamadeira para um dos filhotes. Depois vimos as 5 aranhas que também estavam sendo criadas em cativeiro. Fomos acompanhados pelo veterinário responsável por esses animais e ganhamos cartazes e folders de proteção do peixe-boi para a escola Matis e Marubo.

Vimos o museu com plantas da Amazônia, amostras de madeiras, amostras de plantas medicinais, animais taxidermizados e com uma maquete do INPA. Durante a visita a esse museu expliquei que ali é um local para os alunos das escolas fazerem pesquisa sobre sua terra.

Visitamos o herbário do INPA onde fomos recebidos pelo Dr. Cid que nos deu uma aula sobre o herbário, explicando que ali não é o maior herbário do Brasil mas é o maior herbário da Amazônia. Nos explicou que as pessoas coletam plantas para saber todas as plantas que existem na Amazônia, estudá-las, reconhecer que planta é, saber mais sobre as plantas. Nos explicou todo o processo até serem depositadas na coleção do herbário. Primeiro são coletadas, depois prensadas entre jornais, trazidas para o INPA onde são secas e presas nas pastas onde ficam armazenadas. Informações como data de coleta, nome do coletor, tipo de solo, tipo de vegetação onde foi encontrada e localização do ponto com GPS são armazenadas no computador e depois as plantas são guardadas nos inúmeros armários fazendo parte da coleção. Puderam ver a enorme quantidade de armários onde são depositadas as coleções de plantas, além do cuidado com a temperatura para que ela não se estrague. Puderam ver que tem plantas coletadas há 100 anos e que continuam em excelentes condições. Explicamos que esse é um local visitado por pesquisadores de plantas que vão lá para estudar e pesquisar plantas da Amazônia. Quando precisam localizar uma planta vão no computador, procuram, olham o número dela e sabem em que armário se encontra depositada.

Observaram também a flor de uma planta da coleção em uma lupa onde puderam ver como as estruturas aumentam de tamanho permitindo aos pesquisadores poder ver e estudar melhor.

Viram a coleção de plantas usadas para fazer curare (*Strychnos spp*) onde puderam observar várias plantas reconhecendo uma delas como a que usam para fazer o seu próprio curare ( veneno).

- **Visita ao boulevard na beira do rio Negro.**

Tiveram uma outra vista do Rio Negro e viram mais lojas vendendo artesanato da Amazônia (índios e caboclos). Vimos também uma exposição permanente de peças de vários grupos indígenas, onde viram inclusive uma foto com 2 Matis, além de 2 arcos e flechas também Matis, fotos e peças dos Marubo, dos Yanomami, dos povos indígenas do Xingu, etc. Puderam perceber a valorização das coisas e da cultura indígena nesses lugares visitado pelos nauas de longe que vêm para Manaus, curiosos com as culturas indígenas e com as coisas da floresta Amazônica.

Vimos também uma exposição de fotos antigas do porto de Manaus, onde puderam ver como era a urbanização da região central de Manaus antigamente. Os carros de antigamente, as roupas das pessoas, a falta de carros sendo usado somente carroças, a pouca quantidade de naua quando comparado com hoje.

## **20 de fevereiro de 2003 - Manaus**

- **Visita ao zoológico militar do Cigs.**

Tomaram contato com outro tipo de mutum, outra espécie de macaco preto, onça preta, espécies que não conheciam. Bichos de outras terras. Também foi trabalhado novamente o conceito do que é um zoológico, e para quem serve? Viram como os naua cuidam dos bichos do mato nesses lugares. Viram os naua de longe vindo ver os bichos.

- **Visita à fábrica da Gradiente.**

Fomos recebidos por Nismênia e Eliamara que nos levaram até os locais de produção onde fomos acompanhados por outras pessoas. Começamos a visita no local onde fazem as placas internas dos aparelhos eletrônicos. Tudo automatizado. Puderam ver que ali se faz o 'coração' e o 'cérebro' dos eletrônicos. Foi o início do contato com o trabalho em série e setorizado. Viram o funcionamento das máquinas e a implantação dos componentes das placas.

Depois passamos para o local onde o restante dos componentes são montados. Acompanhamos todo o processo de fabricação de um

DVD. Viram que a maioria dos componentes vêm de países asiáticos transportado dentro de containers em navios. Também em containers saem os produtos finais. Containers esses que viram nos navios ancorados no Rio Negro em frente ao centro de Manaus, empilhados no porto na beira do rio e sendo transportados pelos caminhões.

Acompanhamos então depois da placa pronta o restante da montagem do produto. Viram que a linha de montagem é enorme e muito longa e que demora muito até um produto ser finalizado. Viram que são necessários muitos nava para fazer um produto e que cada um domina somente uma parte do processo. Viram que na linha de montagem cada pessoa é responsável pela montagem de uma parte do aparelho. Makê, o professor, teve a oportunidade de aparafusar uma parte do aparelho de DVD com um aparafusador automático. Depois os testes de som e imagem, os detalhes externos finais com a fixação da etiqueta com o nome da fábrica, sendo então finalmente embalados, acondicionados nas caixas, lacrados com fita e sendo carregados em carregadeiras manuais para a caçamba de caminhões ou containers. Viram também o depósito onde os produtos acabados ficam estocados esperando os caminhões. Tiveram a oportunidade de ver também outras linhas de montagem, mas já sem acompanhar tão detalhadamente todo o processo. Viram também a montagem de controles remotos, quando então Tumi foi convidado a fechar um dos controles que estava sendo montado. Vimos a linha de montagem de televisores, mas esta não estava funcionando por um problema temporário nas máquinas. Viram como é uma fábrica, um enorme galpão cheio de nava trabalhando. No final ainda viram os trabalhadores indo embora ao final da jornada de trabalho e todos batendo seu cartão.

Após isso fomos levados para ver o bloco de ignição plástica onde são feitas as partes de plástico externas do aparelho. Viram a máquina fazendo a parte frontal de um gravador, a forma e como a máquina trabalha: o plástico derretido em altas temperaturas e injetado em uma forma e rapidamente resfriado com água fria tomando o formato da forma.

Também conheceram o escritório onde todo o trabalho administrativo é realizado.

Fomos extremamente bem recebidos pelo pessoal da Gradiente que inclusive tirou fotos nossas para o jornal interno deles. No final da visita cada um ganhou uma bolsa para filmadora e um tripé como um presente da Gradiente além de pequenas bolsinhas com 1 escova de dente, pasta de dente e fio dental.

Nessa visita os Matis puderam ter a visão total do processo de montagem de um aparelho eletrônico do começo ao fim, até ser colocado pronto e embalado nos caminhões que os levaram para as lojas em todo o Brasil.

Na saída expliquei sobre o que é um Distrito Industrial e mostrei as outras fábricas ao lado da Gradiente.

*Makê (professor) viu o educador do CTI escrevendo o seu relatório e por iniciativa própria começou a fazer o mesmo. Tumi ficou ajudando, lembrando a ele o que tinham visto e vimos que eles lembravam de tudo e tinham entendido tudo o que foi passado para eles. Tumi lembrou à Makê das casas antigas construídas com o dinheiro da borracha. Makê estava escrevendo na língua, acho que sente muita mais facilidade para fazer isso sendo na língua. Como o ato de passar os pensamentos para o papel é muito novo e difícil não houve interferência da nossa parte, apenas um incentivo e a sugestão de que esse seria um trabalho para ele fazer durante toda a viagem. Seria um relatório para ir junto com o do CTI.*

## **21 de fevereiro de 2003 - Manaus**

### **• Visita a fábrica da Moto Honda da Amazônia.**

Fomos recebidos por funcionários da Moto Honda que nos deram bonês e depois nos forneceram os óculos de segurança obrigatório para ser utilizado dentro da fábrica. Foi apontado sobre os equipamentos de proteção como os óculos, máscaras de gás, botas com reforço de aço, capacetes, protetores de ouvido, proteção necessária devido ao perigo das máquinas

Não foi permitido tirar fotos dentro da fábrica devido ao segredo industrial, somente nas áreas externas. Para compensar e poder levar algum registro visual para as outras pessoas na aldeia nos deram folders da fábrica que continham algumas fotos da linha de montagem.

Começamos a visita pela linha de montagem de motores estacionários (motores rabeta ou peque peque). Conhecer essa linha de montagem foi a idéia inicial dessa visita. Os Matis usam muito desses motores na aldeia e possuem muita curiosidade para ver como os nava fazem eles. Chamou a atenção o fato dessa linha de montagem ser tão pequena com somente 2 funcionários para montar todas as peças. Viram eles irem colocando e aparafusando as peças, colocando os tanques, etc e no final testando para ver se estava funcionando bem. Depois vimos muito deles empilhados esperando para serem embalados e serem levados para os caminhões.

Após essa visita fomos conhecer o processo de produção das motos. Começamos pela fundição e puderam observar as barras de alumínio, minério retirado de grandes profundidades da terra que então são levados a um local muito quente onde são derretidas e após isso esse liquido é despejado em uma forma e as peças de metal da moto são então moldadas. Nessa parte do processo os funcionários

usavam vários equipamentos de produção. Viram as imensas máquinas, a grande quantidade de barulho, o cheiro e muitos funcionários trabalhando. Viram também várias peças sendo fundidas, outras sendo levadas por esteiras ou ganchos no teto. Depois vimos o local onde as peças eram polidas, outro local onde chapas finas de aço eram prensadas e adquiriam o formato dos tanques etc., sendo logo depois cortadas por outra máquina.

Após isso fomos na injeção plástica, no mesmo prédio da fundição, viram as bolinhas que são usadas como matéria prima que é colocada em locais quentes e então derretida e injetada em formas para fazer as peças plásticas, num processo muito parecido com o que vimos na Gradiente.

Viram que essas peças são empilhadas e depois levadas para a linha de montagem.

Após isso fomos levados para o local onde fazem a solda das peças de metal para formar o 'esqueleto' de metal das motos. Novamente muito barulho, muito fogo das soldas e muita gente trabalhando.

Depois disso fomos para a linha de montagem onde novamente tinha muito funcionário trabalhando e puderam ver rapidamente a linha de montagem onde cada um ia colocando uma peça da moto feita nos blocos de fundição e injeção plástica e pouco a pouco as motos iam adquirindo seu aspecto final. Puderam ver isso muito bem e no final da linha de montagem as motos saindo e sendo testadas e após este teste estavam prontas para serem embaladas e transportadas para as lojas, inclusive para as lojas de Tabatinga.

A visita foi rápida, acho que por alguma norma da empresa, mas nos receberam muito bem.

Puderam perceber que a Honda faz realmente suas peças e a Gradiente na verdade compra a maioria das peças (componentes) e monta os aparelhos. Também a recepção da Gradiente, uma empresa nacional nos deixou extremamente a vontade para decidir a duração da visita e tirar quantas fotos quiséssemos. A Honda uma multinacional japonesa já possui um esquema mais rígido de visita. Visita com durações programada e sem fotos.

- **Visita ao aterro sanitário de Manaus.**

A intenção dessa visita era ver um dos problemas das cidades, afinal a cidade não é somente feita de coisas boas, possui também muitos problemas. Ao longo do dia perguntávamos para eles para onde iria o lixo que estávamos produzindo no hotel. Para onde iam as nossas garrafas de refrigerante vazias?

No aterro sanitário fomos recebido pelo Sr. Moisés. Logo na entrada viram a fila de caminhões cheios de lixo doméstico, restos de construções, restos de podas de árvores, etc, entrando, sendo pesados e se dirigindo para o local de deposição. Viram a imensa montanha de lixo, todos os lugares onde pisávamos eram antigos locais de deposição de lixo. Subimos no antigo depósito, literalmente um morro de terra com restos de coisas amostra. Foi explicado que ali até uma grande profundidade (100 m) era tudo lixo. Vimos os pontos de saída de gás. Lá de cima vimos a área de mata em volta do aterro e também o local de deposição ao longe com vários caminhões indo e vindo e com tratores trabalhando. Também viram a imensa quantidade de urubus. Viram as bacias de deposição do churume, o líquido mau cheiroso que escorre do lixo.

Lá de cima do morro de lixo o sr. Moisés mostrou também para que lado irá aumentar o aterro, estão precisando de mais espaço. Perceberam a grande quantidade de lixo que é produzido todos os dias pelos naua da cidade.

Depois vimos o aparelho que peneira a terra antiga do lixo separando os detritos maiores. Essa terra é misturada com barro e usada como adubo. Então fomos no viveiro de mudas do aterro. Um viveiro pequeno, mas com muitas mudas de plantas.

Para finalizar fomos perto do local de deposição atual com muita movimentação de caminhões chegando e despejando lixo, com o trator espalhando o lixo, uma imensidão de urubus e logo acima outro trator abrindo novas áreas de mata para ampliar o aterro. O mau cheiro era muito forte e os Matis ficaram reclamando do porque ver essas coisas ruins. Novamente falamos que precisam conhecer os problemas da cidade.

A visita acabou e saímos de carona num caminhão de entulho que nos levou até um local mais perto do centro de Manaus

Na área do aterro por se localizar afastado da área urbana da cidade foi apontado para eles que nos grandes centro urbanos, por viverem muitos naua juntos, ocasionando pouca disponibilidade de terras, muitas casas são construídas para cima, os prédios. Longe dos centros urbanos, onde a concentração de naua é menor, há maior disponibilidade de espaço e portanto há uma ausência de prédios.

- **Ida ao cinema.**

Fomos ao shopping Studio 5 para irmos no cinema assistir o filme "O Senhor dos Anéis: as duas torres". Assistiram as 3 horas de duração do filme, mesmo sabendo que podíamos sair antes. Deram muita risada com os seres estranhos do filme, falaram que acharam aquelas figuras assustadoras, mas sabiam que tudo era de mentira. Na saída lembravam muito do filme e davam muitas risadas.

## **22 de fevereiro de 2003 - Manaus**

- **Visita a uma área degradada da cidade.**

De cima de pontes puderam observar duas áreas em beiras de igarapés com poluição, cheio de lixo e ratos e mesmo assim com casas construídas na beira. Paramos, olhamos e foi explicado sobre os lugares ruins onde os mais pobres moram, sobre as áreas urbanas degradadas.

- **Visita ao studio de tatoo e piercing, Fênix Tatoo Studio.**

Nesse local conheceram o processo de implantação de piercing e de tatuagem dos naua. Viram os piercing do dono do estúdio e fotos de vários locais onde os não índios colocam piercing. Conheceram a máquina usada para tatuagem e viram a implantação de um piercing no lábio inferior de um cliente. O piercing que viram ser implantado corresponde ao 'kyot' também utilizado por eles como um adorno facial. Ouviram também que o piercing está sendo muito procurado e que eles fazem isso inspirados nos adornos indígenas, e que é muito importante eles continuarem a cultura deles. Isso foi falado principalmente para o mais novo, o professor Makê. Também viram fotos de vários tipos de piercings e alargadores de orelha.

- **Visita ao terraço do Hotel Mônaco.**

Visitamos o terraço do Hotel Mônaco localizado no 14<sup>o</sup> andar onde puderam conhecer como os naua se locomovem dentro dos prédios: através dos elevadores. Ficamos um tempo olhando lá de cima e reconhecendo pontos e construções do centro de Manaus que já tínhamos visto várias vezes ao longo desses dias. Vimos novamente o rio que já tinham visto do terraço do nosso hotel no 4<sup>o</sup> andar. Vimos os locais ruins, a beira de um igarapé poluído onde os nauas pobres moram, perto de água suja, de mau cheiro em contraste com os naua ricos que moram em lugares bons. Na portaria do hotel vimos a maquete do hotel Ariau Lodge.

O terraço do hotel era decorado com bichos em madeira, desenhos de bichos, objetos indígenas, pinturas reproduzindo paisagens nas matas. "*Naua de longe vem para o Amazonas para ver a mata, os bichos, os índios etc, por isso no hotel e nas lojas tem tanta coisa de índio, desenho pinturas, etc*".

- **Passeio na praia da Ponta Negra.**

Fomos na praia da Ponta Negra onde viram muitos prédios. Viram alguns prédios ainda em construção, conheceram outro lugar

onde os nauta de muito dinheiro moram. Após isso vimos uma maquete de um prédio que será construído. Só tinha o terreno fechado, ainda nem tinham começado a construção. Vimos a maquete, como eram as divisões internas, 4 apartamentos por andar, viram os bonecos representando as pessoas no prédio, as palmeiras que serão plantadas, o lugar onde se guarda os carros, a piscina, a quadra de futebol. A representante de vendas falou que irá demorar 3 anos para ficar pronto e falou o preço: 1º andar R\$375.000,00 e quanto mais alto mais caro, o último andar será R\$500.00,00 . Por que? *Porque dá para ver o rio bem longe e nauta rico gosta disso, de ver o rio, a mata.*

Viram o rio Negro, muito mais largo do que o rio que já tinham visto até hoje. Viram as pessoas tomando banho no rio. *Os nauta não tem onde brincar na água em sua casa e ficam com vontade de brincar na água, os seus filhos também, então no fim de semana vão para a praia brincar na água. Os nauta rico não têm esse problema por que possuem piscinas nas suas casas.*

- **Visita ao Hotel Tropical.**

Visitamos as dependências externas do Hotel Tropical na Ponta Negra. Repararam que lá tem muita árvore e pedaços de mata, acharam bom, pois assim é mais fresco. Na recepção viram jardins internos com aves, garças e sôcos e logo na entrada viram 2 moças enfeitadas com roupa de bumba meu boi e com muitas penas. Foi mostrado para eles que aquilo era a roupa para um outro tipo de dança fortemente influenciada pela cultura indígena.

Fomos conhecer a piscina do hotel e ficamos impressionados com o tamanho da construção. Mostrei os adornos indígenas que decoravam as paredes internas. Conhecemos a piscina e seus jardins e piscinas com tartarugas da amazônia e os nauta tomando sol e brincando na água.

Depois viram algumas lojas e entramos em 2 delas que vendem *coisas* da cultura indígena, na segunda assim que souberam que eram indígenas foram super bem tratados. O objetivo dessa visita era conhecerem outras formas de construção.

Vimos o rio novamente e depois fomos no zoológico do hotel. .

Durante nossa estada na cidade de Manaus perceberam que a cidade é muito quente, por não ter árvores e por ter muitos prédios o que não deixa ter vento. Várias vezes nos deslocamos de ônibus circular onde puderam perceber como os nauta que não têm carro se locomovem, já que nas cidades grandes tudo é longe. Todos os

momentos propícios para mostrar ou discutir aspectos interessantes da urbanização da cidade foram aproveitados durante nossos deslocamentos, como casas de pessoas de baixa renda, igarapés poluídos, etc.

Foi explicado também sobre o funcionamento dos semáforos para carros e para pedestres, e como utilizá-los para atravessar com segurança as ruas movimentadas das cidades grandes. No final os mais novos já sabiam utilizar o semáforo de pedestre.

Em vários momentos também foi trabalhada a questão da desigualdade social. *A divisão e especialização do trabalho faz com que uns naua ganhem mais e outros menos, e está feita a desigualdade social. Naua rico mora em casas grandes, boas, em lugares bons e na maior parte das vezes andam de carro, naua pobre mora em casas simples, pequenas, em lugares ruins, sujos e andam de ônibus. Vão e voltam do trabalho, quase sempre distante, de ônibus cheio, depois de um cansativo dia de trabalho.* Tiveram também oportunidade de sentir um ônibus bem cheio, quando entramos estava vazio, depois lotou e puderam sentir um pouco como é a vida de quem depende todos os dias de ônibus para se locomover.

Perceberam que em todos os lugares que visitamos em Manaus todos tinham um discurso de valorização da cultura tradicional para os dois mais novos, principalmente para o professor Makê, em contraponto com o discurso dos moradores de Atalaia e Tabatinga.

### **23 de fevereiro de 2003 - Boa Vista**

- **Embarque no ônibus Manaus - Boa Vista, as 00:00 horas.**

Ao amanhecer começaram a tomar contato com grandes áreas desmatadas, uma realidade nova para eles. Apesar de terem tido muitas extrações de madeira na sua área, essa sempre foi muito artesanal e restrita à beira dos grandes igarapés o que não destruiu realmente a mata. Durante o caminho foi chamada a atenção deles para o desmatamento na beira da estrada. *Antes não tinha estrada, depois que fizeram ela os nauas chegaram e começaram a derrubar a mata. Os naua não têm cuidado com o solo nem com a mata.* Foi explicado também que estavam em outro estado do Brasil, cuja capital era a cidade de Boa Vista.

- **Chegada em Boa Vista.**

Em Boa Vista fomos recebidos pelo Marcos da CCPY e levados para a casa da CCPY onde nos hospedamos. Logo nos encontramos com a liderança David Kopenawa Yanomami, almoçamos juntos e já

começamos a conversar sobre o problema dos Yanomami e problemas do Vale do Javari. Lá no Javari os madeireiros, aqui em Roraima os garimpeiros, as comidas de cada grupo, os tabus alimentares, a população de cada grupo, quantidades de aldeias, etc.

- **Passeio nas praias do rio Branco.**

Atravessamos o rio Branco acompanhados por David e Daniel Yanomami (este último um professor) e ficamos 1 hora na praia do Rio Branco onde pudemos ver grandes extensões de praia, um rio largo, uma ponte muito grande sobre o rio, e a vegetação da área próxima ao rio. A vegetação chamou muito a atenção deles por ser diferente do que estavam acostumados. Repararam nas aves aquáticas que vocalizavam próxima do rio e que nunca haviam visto e ouvido antes.

David falou para os Matis que em Boa Vista era tudo terra dos índios Macuxi e que foi tudo roubado pelos brancos.

#### **24 de fevereiro de 2003 – Boa Vista**

chegada da coordenadora Maria Elisa Ladeira

- **Conversa com David Kopenawa Yanomami.**

Durante o café da manhã conversamos com o David que falou dos problemas com os Macuxi, dos grupos com territórios pequenos e com áreas já sem mata. Tudo foi tomado pelos fazendeiros. Falou da Terra Indígena Raposa Serra do Sol e falou que os Macuxi perderam a língua e por isso os nawa não respeitam mais, dizem que não é mais índio e não merecem a terra. David também falou sobre a força e pressão dos grandes políticos que não gostam de índio em Roraima como Romero Jucá e que não querem demarcar a Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

O educador do CTI explicou depois a sigla CCPY e CTI. Mostrou no mapa o Vale do Javari, o tamanho das áreas Ticuna e Vale do Javari, o caminho que fizemos de avião, a cidade de Manaus, a estrada que pegamos, a ponte sobre o rio Branco, a cidade de Caracará onde amanhecemos durante a viagem de ônibus, o limite dos estados do Amazonas e Roraima, as áreas Yanomami e as áreas Macuxi. Makê falou sobre o mapa do Javari que pintou na aula de geografia e pela primeira vez pude ver que realmente estão entendendo as aulas de geografia dadas na aldeia. X

Foi falado sobre os estados do Amazonas e Roraima e suas capitais.

- **Visita a administração regional da Funai.**

Fomos recebidos pelo Administrador Regional, Sr. Martinho, que conversou com os Matis, falou dos problemas das áreas indígenas no estado de Roraima, a demarcação das áreas em ilhas, a dificuldade de demarcar a Terra Yanomami devido à resistência dos fazendeiros, os problemas na Raposa Serra do Sol, o problema das vilas de ex-garimpeiros dentro dessa área indígena. Falou do problema do alcoolismo e os Matis ouviram um de seus funcionários comunicando um assassinato a facadas de um índio Macuxi por um menor também Macuxi por causa do alcoolismo, ocorrido no dia anterior.

O administrador foi super atencioso com todos. Foi solicitado uma sugestão de uma área para visitarmos perto de Boa Vista, já que o David teria que participar de uma importante reunião na aldeia Yanomami do Ajarani, onde os Yanomami estão com problemas por causa da proximidade da estrada e com inúmeras fazendas dentro da área. Fazendas estas que estão ampliando suas áreas de pasto, derrubando matas do território Yanomami. Fazendeiros que estão para serem retirados. Como teríamos que esperar a volta dele fomos ver se existe uma área perto que poderíamos ir. O administrador da Funai nos sugeriu a área da Tabalascada, habitada pelo povo Wapixana e nos colocou em contato com Marinete, uma mulher Wapixana presidente da Omir – Organização das Mulheres Indígenas de Roraima, que faz parte do CIR – Conselho Indígena de Roraima.

- **Visita ao Conselho Indígena de Roraima-CIR**

Após a visita a FUNAI local nos dirigimos ao CIR, onde fomos recebidos pela Wapixana, Marinete dos Anjos da Silva, que acertou nossa visita para o dia seguinte pela manhã na área de Tabalascada. Área com muitos problemas, com deposição de lixo da cidade próxima dentro da área, influência negativa da proximidade da cidade e extração de cascalho. Ela falou também muito do problema do alcoolismo e foi enfática da importância dos Matis não adquirirem esse hábito, de não permitirem que isso entre na aldeia, falou dos inúmeros problemas que ela vê como coordenadora da organização das mulheres, da violência dos homens contra as crianças, contra seus filhos, contra as mulheres. Ela enfatizou e ressaltou muito isso e o perigo que isso é e pediu muito para que eles não deixassem isso entrar na comunidade deles.

- **Exibição na sede da CCPY, do vídeo sobre os Matis produzido pelas Discovery Channel, “The return of the ancestors” para o David e Daniel Yanomami.**

**25 de fevereiro de 2003- Boa Vista**

- **Conversa com David Kopenawa Yanomami.**

Pela manhã, logo cedo conversamos com David Yanomami e ele falou muito sobre os naua (napẽ), sobre como eles enganam, o perigo do dinheiro e falou, a nosso pedido, sobre o que ele pensa sobre os missionários, *que os missionários mentem muito e que tentam proibir tudo e dizem que o pajé é ruim*. A solicitação para que falasse o que pensa sobre os missionários é devida à presença missionária, ainda que discreta no Vale do Javari. Seria muito bom ouvirem outro índio falando da experiência com os missionários.

Falou para não se enganarem com os presentes caros dos napẽ, que querem negociar coisas da terra. *“A gente não come ouro. Napẽ é como abelha, quando vê açúcar vem de longe, come tudo e vai embora. Assim são os napẽ com relação ao dinheiro, onde tem dinheiro vem muito napẽ só por causa do dinheiro até que ele acaba e aí vai embora”*.

- **Oficina de desenhos sobre as atividades que fizemos em Manaus.**

- **Visita a Terra Indígena Tabalascada.**

Fomos acompanhado pela liderança feminina, a indígena Wapixana Marinete, conforme combinado no dia anterior e por Edinelson, coordenador do Programa Ambiental da CCPY. No caminho atravessamos uma ponte sobre o rio Branco onde puderam observar o fim do município de Boa Vista, uma olaria retirando muita areia do leito do rio Branco o que tem provocado assoreamento do rio. Puderam ver a extensão do rio e o leito cheio de banco de areia. Logo após a ponte viram a vila dos oleiros, as pessoas que trabalham na olaria, puderam ver a situação precária em que vivem. Alguns que moram ali são indígenas que saem de suas áreas a procura de trabalho na cidade.

Na estrada viram um caminhão carregando grandes toras de madeiras. Marinete foi explicando tudo, mostrou os pontos importantes do relevo da região como a serra Grande e a serra da Lua. Os Matis que participaram do intercâmbio nunca haviam visto serras.

Nos mostrou as queimadas e as áreas destruídas por elas, buritis queimados, serra queimando. Falou da tristeza de ver buriti queimando já que a palha é muito importante para eles fazerem a cobertura da casa .

Os Matis também entraram em contato com um novo tipo de vegetação, o cerrado, conhecido na região como campos de Roraima. Isso foi impressionante para eles. Ver tão longe, ver grandes extensões

sem cobertura florestal densa, outras árvores, árvores tortas e baixas foi uma surpresa.

Marinete mostrou a área que perderam <sup>há</sup> a muito tempo atrás para os brancos, áreas que não recuperam mais e que hoje em grande parte está tomada por plantações de acácia, uma planta usada para fabricação de celulose.

Depois nos mostrou o limite da terra Tabalascada. Falou que a terra possui portaria demarcatória, mas sem demarcação física. Nos mostrou uma pequena represa que acabou secando o igarapé depois que foi feita.

Na sede da comunidade fomos recebidos pelo segundo tuxaua Cezar, marido de Marinete.

A partir desse momento fomos acompanhados pelo tuxaua que estava tentando apagar o fogo de uma roça que subiu uma serra e perdeu controle. Estavam vários deles tentando apagar o fogo. Puderam ver a serra com muita fumaça já mais de perto. Fomos até a sede do município de Cantá, que esta bem perto da área indígena, facilitando o acesso a bebidas alcoólicas causando problemas de violência nas comunidades. Viram também, a estrada asfaltada que cruza a área indígena e que não possui controle nenhum. Nos finais de semana os não-índios bebem muito, passam em alta velocidade na estrada e já aconteceram por causa disso vários atropelamentos fatais, inclusive de um professor Wapixana.

Viram 3 locais onde tem invasores não-índios.

Após a visita à área urbana do município de Cantá fomos até a lixeira localizada dentro da área indígena, onde é depositado o lixo do município de Cantá. Além do lixo doméstico agora iniciaram a deposição dos restos do abatedouro. Pudemos ver a área de deposição, com um mau cheiro insuportável, cheio de patas, vísceras e inclusive várias cabeças frescas de boi. Falou que outro problema é que alguns parentes Wapixana estão indo lá para coletar carne para se alimentarem. Essa área ainda é disputada com um posseiro. Explicou que esse problema começou com o antigo tuxaua que recebia um salário da prefeitura e aceitava tudo que o prefeito falava, o bom e o ruim permitindo esse depósito sem consultar a comunidade. Por causa disso e de outros problemas trocaram o tuxaua.

Depois fomos para o local onde o governo do estado de Roraima e o prefeito retiraram <sup>nao</sup>piçará (cascalho) para o asfaltamento da estrada que corta a área indígena Wapixana e liga Boa Vista ao município de Cantá. Os Matis puderam ver uma área degradada, que nunca estavam acostumados a ver. Viram grandes extensões de solo estéril exposto onde nada nasce mais. Esse local também é muito freqüentado por coletores de passarinhos a procura de curiosos para comercialização.

Após o almoço viram fotos do ritual de tatuagem dos Matis e fomos até a serra que estava queimando. Fomos até o pé da serra e depois subimos um pouco ela. Puderam observar de perto a vegetação de cerrado e a destruição causada pelo fogo, viram a roça dos Wapixana queimando, mangueiras e pedaços de mata queimados. Subimos a serra e ficamos impressionados, principalmente o mais velho com a quantidade de pedras e de blocos grandes de pedra na serra. Subimos e pudemos ver longe o que também os impressionou muito. Nunca tinham subido numa terra tão alta.

Voltamos para Boa Vista por outra estrada, esta de terra e puderam ver as enormes plantações de acácia por todos os lados e um pouco de eucalipto. Todas essas plantações de acácia são de propriedade de um suíço que pretende fazer uma fábrica de pasta de celulose na região. Provavelmente próximo a área de Tabalascada. Edinelson da CCPY falou que isso irá causar muita poluição no rio Branco por causa dos produtos químicos utilizados na fabricação da pasta de celulose. A fábrica ainda será construída, mas está prevista para que esteja em plena atividade até 2006. Viram também uma pequena plantação de mamão.

Explicamos mais tarde sobre a maneira como os nawa plantam, as monoculturas, os problemas, as desvantagens e o reconhecimento hoje de muito nawa de que essa não é a melhor forma de se plantar e que os índios sim tem uma maneira mais sustentável de plantação com plantações diversificadas.

• **Visita a casa de Edinelson para ver as fotos da Campanha Javari de 1985.**

De volta à Boa Vista fomos ver algumas fotos da Campanha Javari de 1985 que estavam com Edinelson. Puderam ver algumas fotos antigas deles inclusive uma foto do interior de uma maloca com muitas mandíbulas de queixada, troféus de caça, que provocou uma discussão entre eles e eu por não fazerem mais isso. Tumi falou que irá fazer isso de novo na maloca dele. Eram usadas para saberem quantas caças mataram naquela maloca com arco e flecha e com zarabatana. Uma forma de fazerem uma estatística e de ter um controle sobre a produção de caça de seus territórios.

• **Compra de rancho para a ida a aldeia Yanomami do Demini.**

Ficamos curiosos com as frutas novas. Compramos uva, melão japonês e mangas grandes, estas últimas para pegarem as sementes e as outras para experimentarem e conhecerem já que estavam curiosos. Não gostaram do melão japonês.

## 26 de fevereiro de 2003 - Demini

- **Oficina de desenhos e gravações sobre o que tinham visto no dia anterior na visita a área Wapixana de Tabalascada.**
- **Ida para a Aldeia Yanomami do Demini.**

Fomos acompanhados pela liderança David Kopenawa Yanomami. As 12:00 o avião fretado, um Cessna, decolou. No caminho puderam ver as grandes áreas desmatadas por fazendeiros, as estradas, a ponte sobre o rio Branco, os bancos de areia, a cidade de Boa Vista, as plantações de acácia, os formatos quadrados das plantações. Viram também várias queimadas e muita fumaça no ar.

Foi mostrado para eles que o que estávamos vendo era como se fossem mapas, que os mapas são desenhos da terra como se estivéssemos em um avião. Perceberam ~~e~~ que quanto mais longe das grandes cidades e mais perto da área indígena, aumentavam as áreas de mata. Viram várias serras a nossa volta e vários focos de incêndio, inclusive dentro do território Yanomami. Viram que a partir da área demarcada só encontramos mata. Dentro do território Yanomami não tem a derrubada desenfreada de madeira como vimos fora da área.

Vimos a aldeia Ajarani e a aldeia Catrimani (área de missão), ambas aldeias Yanomami. Vimos também o traçado da Perimetral Norte uma estrada de terra meio fechada pela mata que no projeto inicial ligaria Boa Vista até São Gabriel da Cachoeira passando por várias aldeias Yanomami, inclusive pelo Demini.

O avião balançou muito, o que deixou a todos com medo. Era impressionante a quantidade de queimadas que avistamos.

Após 1 hora de vôo chegamos na aldeia do Demini. Descemos na área do posto onde encontramos a técnica de enfermagem Débora da Urihi e um grupo de homens e mulheres Yanomami. As mulheres estavam muito bonitas, pintadas com urucum e com seus tradicionais adornos no rosto.

Após uma passada rápida pelo posto nos dirigimos à aldeia localizada a cerca de 20 minutos de caminhada. Começaram a tomar contato com a vegetação local, com o solo arenoso e com uma região com uma estação seca muito forte e definida.

Na maloca fomos encaminhados para a área próxima a escola que funciona dentro da maloca. Logo os Matis gostaram da maloca, acharam muito bonita, 'bra kimon'. Vários Yanomami chegaram e começaram a conversar conosco e demonstraram muita curiosidade pelo arco e flecha que ao Matis traziam, começaram a observar e discutir, ver os detalhes das flechas, o material utilizado. Após isso nos ofereceram muitas pupunhas (os Matis comentaram muito o tamanho

diminuto delas), um pedaço de paca, bananas e beijus. Após isso viram as fotos dos Matis. Após um tempo fomos conhecer a área em volta da maloca, viram as pupunheiras e fomos tomar banho. Viram como o igarapé fica seco nessa época e andaram um pouco na mata onde puderam observar melhor a forte estação seca pela qual estavam passando, com uma camada de folhas muito seca no solo. Discutiram sobre as espécies novas de árvores que não existe na terra deles, as pedras, os ventos que lembram as chuvas do Vale do Javari. Lá estavam no auge da estação seca, o Vale do Javari estava no auge da estação das chuvas, num lugar onde mesmo a estação seca não é tão marcante.

Mais tarde os Yanomami voltaram novamente o interesse para o arco e flecha e os Matis mostraram o “ tenke” e como passar veneno nos dardos da zarabatana. Os Yanomami mostraram suas flechas que são usadas com veneno nas pontas e são mais compridas que as dos Matis.

- **Conversa com um dos agentes de saúde.**

Durante a conversa com um dos agentes de saúde começaram a fazer comparações entre a terra deles, o que estavam achando, se ali era muito diferente, o que era diferente, se possuem muitos problemas, se estavam sofrendo muito no Vale do Javari. O Matis mais velho queria saber se antes já sabiam da existência deles. Ficaram um bom tempo trocando informações sobre problemas, aspectos ambientais da terra de cada um e modo de vida deles. Estas conversas muitas vezes eram mediadas pelas traduções na língua por parte do educador do CTI ou pela do agente de saúde Yanomami, já que o domínio do português, possível língua franca, era insuficiente.

- **Gravação das impressões do dia.**

### **27 de fevereiro de 2003 - Demini**

- **Distribuição dos presentes Matis.**

Foram entregue para a comunidade 1 peneira, 1 estojo com dardo e curare para zarabatana, 1 arco com 6 flechas, 2 panelas, 7 pulseiras, 1 rede, 1 cuia de barro e 15 colares de murumuru. Também foi trazida uma zarabatana Matis como presente, mas devido ao grande comprimento desta não foi possível embarcar ela no avião que se desloca para a área Yanomami.

- **Pintura dos Matis mais novos e da equipe do CTI. Corte de cabelo da coordenadora pelas mulheres.**

- **Acompanhamento da aula do Professor Dário Yanomami.**

Pelo início da manhã acompanhamos a aula ministrada pelos professor Dário Yanomami para os rapazes e moças que constituem uma única turma. Ele deu uma aula em Yanomami. Todos nós assistimos. Makê Matis falou para os alunos Yanomami que estava ali para ver como o professor Dário dava aula. Primeiro falou na língua depois em português e o professor Yanomami traduziu para o Yanomami Makê e Tumi Tucun copiaram o texto que ele escreveu em Yanomae na lousa. A aula não durou muito tempo.

- **Exibição do vídeo sobre os Matis “The return of the ancestors”, produzido pela Discovery Channel.**

O vídeo foi exibido após a aula na casa do posto indígena. Junto conosco foram muitos Yanomami, homens e mulheres. A sala estava cheia. Após passar esse vídeo com algumas explicações passamos trechos do vídeo feito na festa de tatuagem. A furação dos ‘mananukit’ causou muita reação neles pela dor que deveria estar causando. A tatuagem dos jovens e a furação dos ‘paëyt’ e ‘detaskete’ das crianças também chamou a atenção deles.

- **Conversa com o professor Dário Yanomami e com a técnica de enfermagem Débora.**

Conversamos com Débora, a técnica de enfermagem do Demini, comparando o funcionamento do Pólo Base do Demini com o do Vale do Javari. Depois fomos conversar com o professor Dário Yanomami sobre o funcionamento da escola, como ele dá aula, salário, dias de funcionamento da escola, mostrou materiais produzidos por eles. Vimos uma moça Yanomami trabalhando no computador.

- **Visita a roça Yanomami**

Observaram a falta de água nessa época de estiagem e o reflexo disso no desenvolvimento das plantas da roça, como as macaxeiras e as bananeiras.

### **20 de fevereiro de 2003 - Demini**

- **Acompanhamento de uma caçada Yanomami.**

Fomos convidados para acompanhar uma caçada, para os Matis foram emprestados arcos e flechas Yanomami. Saímos às 7:20 da manhã. Ao longo do caminho avistamos um bando de jacus e de macacos coatá. Ambas as espécies diferentes das que estão acostumados na sua área. Durante a caçada sentiram dificuldades para acertar os macacos com flechas no alto. Não estão acostumados a

jogar flechas para o alto e longe. Como falaram os próprios Matis, eles estão treinados para jogarem flechas perto e em animais terrestres, animais arbóreos são caçados com espingardas ou zarabatana. No momento da caçada dos macacos, os Matis sentiram muita falta da zarabatana. No nosso grupo nem os Yanomami nem os Matis pegaram o macaco, o que deixou os Matis um pouco contrariados. Voltamos e no caminho os Matis decidiram bater timbó num igarapé que tinha muitos peixes pequenos. Bateram junto com rapazes Yanomami, mas poucos peixes morreram.

Durante a caçada perceberam também a diferença do ambiente, das árvores e das caças em si, perceberam uma vegetação com muitas espécies diferentes, frutos diferentes, um ambiente com uma estação seca muito forte, chão duro, muitas pedras. Também compararam muito a técnica de caça deles e chegaram à conclusão que a zarabatana é muito melhor porque o custo para fazer os dardos é menor, podem levar muito mais dardos e podem perder muito mais dardos, ao contrário das flechas onde o número levado é limitado devido ao tamanho destas. Viram a técnica dos Yanomami que, a partir do momento que vêem macacos, trocam as pontas de suas flechas por pontas envenenadas.

Voltamos com um nambu que mataram e nos deram durante a caçada. Na volta ainda ganhamos mais pedaços de carne de caça.

- **Subida no grande bloco de pedra próximo à aldeia.**

Essa excursão foi realizada somente pelo educador do CTI e por Tumi Tucun, acompanhados de meninos Yanomami.

### **01 de março de 2003 - Demini**

- **Demonstração para os Matis de uma pajelança Yanomami.**

Davi decidiu realizar uma sessão de xamanismo para que os Matis vissem e conhecessem um pouco mais da cultura Yanomami. A sessão começou as 9:30 e acabou 14:30. Tumi Tucun (Matis) pediu inclusive para que tirassem a dor de cabeça e a dor no fígado que estava sentindo. Na verdade parecia querer testar os xamãs Yanomami.

Durante toda a pajelança lembraram muito da sua própria pajelança, compararam os detalhes da pajelança deles, eficiência, modo de fazer, o fato de não verem nenhum objeto estranho sendo retirado pelo xamã do corpo do doente, como no caso dos xamãs Matis. Sentiram vontade de documentar através de uma gravação. Lembraram que os grandes xamãs Matis já morreram e que só ficou o

Buxu e Tumi Preto. Sentiram saudades do passado quando os Matis tinham muitos xamãs,

- **Demonstração da cultura Matis para os Yanomami.**

A tarde foram fazer uma apresentação cultural, atendendo a pedido dos próprios Yanomami. Primeiro fizeram a apresentação do tamanduá-bandeira, Tumi se transformou em um tamanduá bandeira e entrou na maloca onde ficou andando como se fosse um, procurando cupin, até que até foi morto (simuladamente) por um dos cunhados (um homem Yanomami) como realmente deve ser. Depois veio o Mariuim (figura com funções educativas e reguladora das normas Matis) que entrou na maloca e bateu com sua vara comprida em vários Yanomami e no final as próprias mães estavam trazendo seus filhos para 'apanharem'. Os Matis tiveram dificuldades em fazer o Mariuim pela área não ter a folha certa usada para se enfeitar nem as varetas de bater. Foram utilizadas folhas parecidas, mas diferentes da realmente utilizadas

A noite, os Matis mostraram para alguns Yanomami que estavam por perto como entregavam caçuma ritualmente.

A máscara do Mariuim foi entregue para o dono da maloca, sogro do David.

Começaram a sentir saudades da comunidade deles.

## 02 de março de 2003 -Boa Vista

- **Saída da área Yanomami com destino a Boa Vista.**

Os Matis deram os últimos colares de murumuru de presente. Saímos às 8:50 chegamos em Boa Vista as 10:20 horas.

Na casa da CCPY encontramos 13 jovens Yanomami de várias aldeias que estavam de passagem para o intercâmbio com as aldeias Macuxi. Os Matis fizeram uma demonstração de como usam a zarabatana para esses jovens. Essa zarabatana é um presente para o Demini, mas devido ao grande comprimento não pode ser levada no avião e foi deixada na sede da CCPY.

- **Reunião dos Matis e da equipe do CTI com dois membros da comissão avaliadora da Norad, Manolo e Nádia Farage.**

*Makê começou a passar a limpo seu relatório na língua e surpreendentemente escreveu várias páginas. Foi importante ele perceber que os Yanomami escreviam na língua e que esta não tinha uma única grafia, o que relativizava para ele o certo/errado, possibilitando uma maior liberdade na criação de um sistema gráfico para a língua Matis.*

### 03 de março de 2003 - Boa Vista

Estava previsto uma saída para a aldeia Yanomami de Ajarani, mas isso não acabou ocorrendo.

- **Oficina de desenhos entre os Matis sobre a comunidade do Demini e os Yanomami.**

Pela manhã permanecemos na casa da CCPY conhecendo informalmente muitos técnicos da CCPY e da Urihi que passavam por lá por causa dos jovens Yanomami que estavam indo para o intercâmbio. Makê inclusive encontrou um dos seus antigos professores de história e geografia do curso de formação da Seduc no Vale do Javari.

- **Conversa com Carlos Zachinni da Diocese de Roraima e membro do conselho diretor da CCPY.**

Durante essa conversa nos falou da aldeia Yanomami do Ajarani, deu uma introdução dos problemas da área e falou também dos problemas de alcoolismo em várias áreas na região de Roraima e no próprio Ajarani. Uma comunidade contatada em 1974 pelos funcionários da estrada Perimetral Norte. No início eram cerca de 300 pessoas em 15 comunidades e sobraram somente 50 pessoas que formaram uma única comunidade.

*A tarde Makê foi aprender pela primeira vez a usar um computador e começar a digitar o seu relatório. Começou a escrever direto no computador na língua pensando no texto e tudo. Não fez uma copia do que já tinha escrito.*

- **Visita a casa de educação da Urihi.**

Durante essa visita os Matis viram jovens Yanomami no início do processo de alfabetização na língua. Observaram eles trabalhando, copiando um texto que fizeram junto com a coordenadora do Programa de Educação da Urihi. Viram materiais produzidos por eles, desenhos, mapas. Viram que eram professores novos e ainda se alfabetizando. Perceberam que o que esses professores iam aprendendo nessas estadas de 2 meses na cidade era logo depois ensinado nas suas aldeias de origem, mesmo se eles ainda não fossem completamente alfabetizados. São professores de aldeias onde não tinha escola.

Conversamos sobre o programa de educação da Urihi com a coordenadora e as assessoras, que apresentaram as dificuldades de trabalho e as conquistas que vinham realizando. Tomamos um lanche todos juntos.

- **Ida a um parquinho de diversões e ao carnaval de Boa Vista.**

O carnaval despertou muita curiosidade neles assim que começaram a ouvir que estávamos em feriado de carnaval.

Após a reunião na Urihi, fomos na área onde ocorre o desfile de carnaval onde puderam ver os enfeites que eram constituídos por imagens de índios de cerca de 4 metros de altura, dois portais, um no começo e outro no final da área do desfile representando um imenso cocar indígena, com máscaras representando índios. Puderam ver que apesar das contradições os nauas valorizam a cultura indígena.

Tumi e Makë andaram na roda gigante brincaram com as armas de espoleta acertando em pequenos brindes e andaram, dirigindo sózinhos, nos carrinhos de bate-bate .

A noite voltamos para assistir ao desfile das escolas de samba onde viram os enfeites dos carros alegóricos e as fantasias remetendo a coisas da floresta e a cultura indígena. Conseguimos um camarote de onde puderam assistir tudo tranqüilamente. Presenciaram outra forma de dança, outra forma de se vestir aumentando a sua percepção sobre a diversidade do mundo.

#### **04 de março de 2003 - Boa Vista**

- **Visita a cidade fronteira de Lethem na Guiana.**

Fomos com uma Kombi fretada até a fronteira com a Guiana Inglesa. No caminho continuamos vendo a vegetação de cerrado (campos de Roraima/ lavrado). Viram a última cidade do lado do Brasil, a cidade de Bonfim, viram o controle da febre amarela no lado brasileiro. Atravessamos o rio Takutu que faz a fronteira entre os dois países. Do outro lado viram o controle contra doenças quando o carro foi borrifado com veneno nas partes de baixo.

Visitamos a cidade de Lethem que fica na fronteira com o Brasil e puderam ver o predomínio de negros, outras construções, outra forma de urbanização, outros tipos de carro usado devido a ser tudo estrada de terra. Viram também vários Macuxi que vivem na cidade e conversaram conosco conforme nos viam. Apresentamos o dinheiro da Guiana e conversamos sobre o fato de lá ser outro país, outra terra com outros naua, outro dinheiro, outras músicas, outra língua (inglês), outras comidas, outro presidente. Viram outros tipos de naua como indianos e negros. Viram também serras bem altas.

Demonstraram curiosidade sobre a conversão do dinheiro da Guiana, o dólar guianensi onde 100 dolares guianensis equivalem a 1,60 reais. Conversamos sobre isso e sobre a conversão do dinheiro.

Almoçamos na Guiana onde puderam experimentar comidas indianas feitas com curry. Fomos acompanhados por uma advogada da Funai local, Ana Paula, e por um técnico do Ibama, Helder, que quase havia ido trabalhar no Programa Educação do CTI no Vale do Javari.

### **05 de março de 2003 - Ajarani**

#### **• Visita a aldeia Yanomami de Ajarani.**

Fomos com a mesma Kombi fretada para conhecer a comunidade Yanomami do Ajarani. Junto foram 3 professores Yanomami e Maurice um educador da CCPY, que já trabalhou no Programa de educação do CTI junto aos Terena.

No caminho puderam ver claramente a transição dos campos de Roraima (cerrado) com buritis para a área de mata. Após cruzarmos o rio Mucajaí a vegetação muda completamente devido a diferenças de solo.

Viram a cidade de Mucajaí e as áreas desmatadas, depois a cidade de Iracema. Viram plantações de coqueiros, criações de gado, fazendas de gado com imensas áreas desmatadas. Chamamos a atenção para a diferença entre a derrubada deles e a dos naua, fazendeiros. As deles são pequenas e após um período curto de uso é deixado para se regenerar, a dos fazendeiros são muito maiores e nunca mais permitem que se regenere.

Após o município de Iracema entramos em uma estrada de terra, a Perimetral Norte, que passa por Ajarani, Missão Catrimani e Demini. A mesma estrada que seguiria até São Gabriel da Cachoeira.

Viram as áreas de fazendas dentro da área Yanomami, com grandes áreas desmatadas para a criação de gado.

A Kombi foi até um igarapé e depois tivemos que seguir a pé cerca de 3 km. Logo ali encontramos uma das autoridades da aldeia, Valdir (Amazonas), que foi logo avisar da nossa chegada. Estavam ansiosos com a nossa visita. Fomos recebidos pelo chefe, Santarém, que nos recebeu muito bem e com xibé de beiju. Chegamos, ficamos conversando, gostaram muito das flechas dos Matis, começaram a planejar caçar antas com ela, depois demonstraram curiosidade pela rede.

Conversaram enquanto esperávamos pessoas de outras casas chegarem para nos verem. Conhecemos sua casa que não possui o estilo da casa do Demini. Viram a escola, que era constituída por uma casa muito simples, onde moravam muitas pessoas, sem bancos e somente com uma lousa na parede. Viram os materiais do último professor naua que passou por ali e perceberam a falta de fato de um

professor, que o professor Yanomami, não sabe ler nem escrever. Puderam perceber claramente que ali na verdade não possui uma escola, mas uma vontade de tê-la.

Viram a diferença entra a realidade do Demini e do Ajarani. Viram no Ajarani um povo sofrido, mal-tratado, desdentado, sem a beleza dos corpos pintados de urucum, sem os adornos faciais, sem a maloca tradicional, puderam perceber os caminhos tão dispares que representantes de um mesmo povo tomaram. Os Matis acharam eles sujos e parecendo filhos de madeireiros por serem alguns deles filhos de regionais com mulheres Yanomami.

Falamos que aquele povo tinha entrado em contato com os naua através dos trabalhadores da Perimetral Norte e que isso foi apenas 3 anos antes deles entrarem em contato com funcionários da Funai no rio Ituí. Que antes eram 300 indivíduos em cerca de 15 comunidades (de acordo com Carlos Zachinni). Depois do contato com os trabalhadores da estrada muitos morreram de doenças e se reduziram a 50 pessoas, atualmente são cerca de 80 pessoas. Comparei o contato deles com o dos Matis. O que aconteceu com eles aconteceu com todos os povos indígenas, por isso hoje muito naua sabem que é preciso cuidar dos isolados. Ouviram sobre o problema de alcoolismo nesse grupo.

Conversaram com o Valdir, o segundo tuxaua, sobre o problema dos garimpeiros, problemas da terra, da ida dos dois tuxauas para Brasília conversar com o Presidente da Funai para pedir a retirada dos fazendeiros.

Mostramos as fotos dos Matis.

Após várias conversas entregamos os presentes: 1 arco com 6 flechas, 1 panela de barro, 1 cuia de barro, 7 pulseiras, 5 colares de murumuru, 1 pote com curare e 1 rede.

Os Yanomami perguntaram porque os Matis não haviam trazido as mulheres.

No final tiramos uma foto com alguns deles e um dos mais velhos falou que queria ouvir a língua Matis, assim cada um falou um pouco. Falaram que tinham vindo de longe que viram o problema dos fazendeiros dentro da terra deles, das áreas desmatadas, da dificuldade que deveria ser por não ter muita água. Falaram na língua sendo seguido por tradução. Foram convidados a retornarem e após isso nos despedimos.

Na volta fomos acompanhados por 2 rapazes Yanomami.

No caminho de volta encontramos um grupo de 15 Yanomami voltando a pé da cidade de Caracarái, estavam a 1 hora de carro da aldeia e teriam que continuar a pé e o dia já estava escurecendo. Os

Matis puderam ver a dificuldade daquele povo percorrendo distâncias imensas a pé e inclusive comentaram isso: *nós não andamos tão longe assim.*

Chegamos de volta às 21:30 [da noite].

### **06 de março de 2003 – Viagem para Manaus**

- **Ida para a cidade de Manaus.**

Nos despedimos da equipe da CCPY e voltamos numa Kombi fretada para Manaus.

Foram vendo as várias cidades ao longo do caminho como Mucajaí, Iracema, Caracarái etc. Perceberam que a mata ia mudando, ficando mais úmida, com uma diferença nítida de clima. Viram várias fazendas e uma imensa queimada.

Viram o ponto onde passa a linha do Equador e o limite entre os estados de Roraima e Amazonas.

Viram a entrada da área Waimiri Atroari, a portaria que fecha à noite. Chamamos atenção para as placas no caminho falando para terem cuidado com os bichos, para não pararem na estrada, para os postos da Funai.

Contamos a história do contato desse povo com os trabalhadores dessa estrada que estávamos utilizando, as inúmeras mortes de ambos os lados, a morte de funcionários da Funai incluindo o pai do Gilmar, o atual administrador regional da área do Vale do Javari, que era um sertanista. O primeiro contato de vários grupos indígenas com as estradas. Chamamos a atenção para as semelhanças de contatos desastrosos, sempre seguidos de mortes. Várias realidades. Uma das intenções era que começassem a perceber que a tragédias que eles mesmo passaram no pós contato ocorreu com todos os grupos indígenas. Comparações dessa estrada com a que corta a área Wapixana, que não possui controle nenhum.

Chegamos às 23:30 em Manaus.

### **07 de março de 2003 - Manaus**

- **Visita à COIAB**

Solicitamos cópias de livros didáticos indígenas do kit básico recomendado pelos parâmetros curriculares para as escolas indígenas, para a escola Marubo do rio Novo, recebendo vários livros. Solicitamos também pastas plásticas para os alunos Matis e Marubo.

- **Assistir a gravação de músicas Tariana para o CD do PDPI.**

Fomos assistir a gravação das faixas de músicas Tariana para um CD organizado pela COIAB e patrocinado pelo PDPI. Quando chegamos, as gravações já estavam acabando, mas conheceram os Tariana e a representante da GTZ no PDPI que comentou sobre a aprovação de um projeto cultural enviado pelo Civaja para todos os povos do Vale do Javari. Foi indagado dos Matis qual seria sua participação nesse processo mas não puderam informar, já que desconhecíamos (CTI e Matis) esse projeto.

Apesar de termos chegado tarde, os Tariana fizeram uma demonstração para os Matis e depois os Matis fizeram uma demonstração com 2 músicas para os Tariana.

#### **08 de março de 2003 - Manaus**

- **Compras dos Matis.**

Pela manhã os Matis foram fazer compras com o dinheiro do artesanato vendido no Centro de Manaus

- **Visita a reunião da COIAB**

Fomos para o hotel Boa Vida, no km 50 da estrada Manaus Itacoatiara ver a assembléia da Coiab.

No início da assembléia, com representantes indígenas de várias regiões da Amazônia, os Matis se apresentaram e falaram o porque de estarem de passagem por ali, do intercâmbio com os Yanomami e para conhecerem melhor o mundo dos naua.

Depois encontramos o novo coordenador do Civaja, Jorge Marubo que fez uma pequena reunião com a gente.

Conheceram o Jonas Gavião, Presidente da Vyty Cati, a associação dos povos Timbira. Associação que o CTI ajudou a fundar a assessora até hoje.

- **Rápida visita a uma granja de produção de ovos.**

Tiveram a oportunidade de conhecerem um galpão com centenas de galinhas poedeiras.

### **09 de março de 2003 - Tabatinga**

- **Embarque para Tabatinga às 00:30 da madrugada.**
- **Visita a cidade peruana de Santa Rosa.**

Almoçamos no município peruano de Santa Rosa, em frente a Letícia, onde novamente conheciam outro país, com outras leis, outro dinheiro, outra história, outro presidente etc, mas com a mesma fala dos colombianos.

Conheceram um cebiche, prato típico do Peru, feito com fruto do mar curtido no limão. Demos uma volta pelo pequeno município para que pudessem conhecê-lo melhor.

### **10 de março de 2003 -**

chegada da educadora Neide Siqueira do Departamento de Educação da Funai de Brasília

- **Ida para o posto de vigilância da Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari, na confluência dos rios Ituí e Itaquai.**
- **Encontro com o Administrador da Funai em Atalaia**

### **11 de março de 200 - Base da Frente de Proteção**

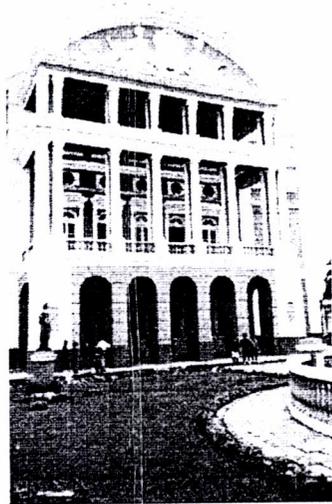
- **Reunião de avaliação do intercâmbio.**

Essa reunião contou com a participação da representante do Departamento de Educação da Funai, Neide Siqueira, com a educadora do CTI Elena Welper e com os Matis Tumi Branco, Maburu e Pixi Uasá, além dos Matis (Tumi, Mâkê e Txiamã) e assessores do CTI (Hiltom e Maria Elisa) que participaram do intercâmbio.

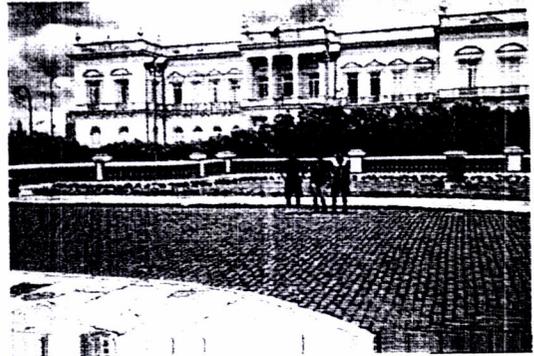
- **Reunião de avaliação da Escola Matis.**

### **12 a 14 de março de 2003- Base da Frente de Proteção**

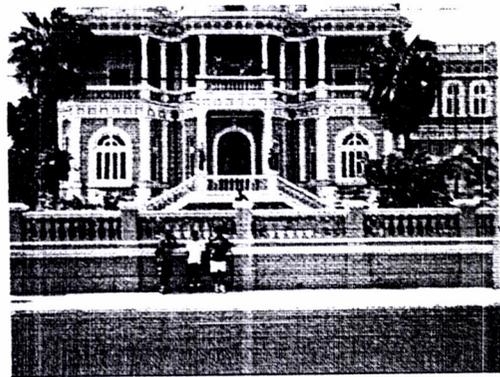
- **Oficina de produção do livro de viagem dos Matis que participaram do intercâmbio.**



Visita ao Teatro Amazonas



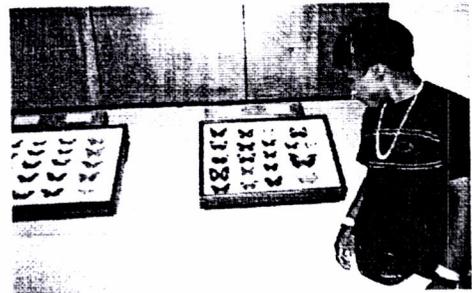
Palácio da Polícia

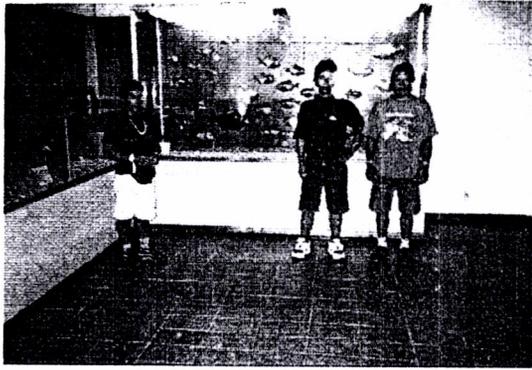


Palácio Rio Negro



Matis observando os pirarucus do aquário do Museu de Ciências Naturais





Grupo de Matis junto a exposição de peixes amazônicos do Museu de Ciências Naturais

Professor Matis junto a coleção de borboletas do Museu de Ciências Naturais



Tiaman Matis dando mamadeira a um filhote de peixe-boi no Inpa



Tumi Tucun Matis observando estruturas de uma planta na lupa do herbário do Inpa



Grupo de Matis junto a coleção de plantas de curare do herbário do Inpa.



Visita a linha de montagem de DVD da fábrica da Gradiente



Visita a linha de montagem de DVD da  
fábrica da Gradiante

Tumi Tucun Matis fechando controle remoto  
na fábrica da Gradiante